Bolsas
Na quinta-feira
1,38% São Paulo
0,6% Nova York

Pontuação B3
Ibovespa nos últimos dias
107.558 — 107.758
07/12 08/12 09/12 10/12

Salário mínimo
R$ 1.100

Dólar
Na quinta-feira
R$ 5,614
(+0,72%)

Últimas cotações (em R$)

6/dezembro	5,690
7/dezembro	5,618
8/dezembro	5,535
9/dezembro	5,574

Euro
Comercial, venda na quinta-feira
R$ 6,350

Capital de giro
Na quinta-feira
6,76%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
9,16%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Junho/2021	0,53
Julho/2021	0,96
Agosto/2021	0,87
Setembro/2021	1,16
Outubro/2021	1,25

CONJUNTURA / Resultado acumulado no período é o mais elevado desde 2003, apesar do recuo verificado em novembro. Combustíveis e energia elétrica continuam sendo os principais motivos de alta da carestia

Inflação chega a 10,74% em 12 meses

» ROSANA HESSEL

A inflação oficial, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), perdeu um pouco da força entre outubro e novembro: o indicador recuou de 1,25% para 0,95%, conforme dados do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), ficando abaixo das estimativas do mercado, que esperava alta em torno de 1% e 1,10%. Apesar disso, foi a maior alta para o mês desde 2015.

Além disso, a taxa acumulada em 12 meses subiu, alcançando 10,74%, ante 10,67% registrados em outubro, na maior variação para o período desde 2003. O percentual acumulado é o dobro da meta de inflação deste ano, de 5,25%. Conforme os dados do IBGE, sete dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados registraram alta de preços, confirmando que a elevação do **custo de vida** está disseminado na economia.

O grupo de Transportes subiu 3,35% e foi o segmento que mais pesou no indicador de novembro. O principal vilão foi a gasolina, cujos preços saltaram 7,38%. No acumulado em 12 meses, o combustível registra alta de 50,78%. Enquanto isso, o etanol disparou 69,40%, no mesmo intervalo, e o óleo diesel, 49,56%.

Analistas avaliam que a carestia continuará forte e resistente. Eles lembram que os preços elevados dos combustíveis e da energia encarecem os fretes e os custos de produção, que devem ser repassados ao consumidor de alguma forma ao longo do próximo ano. Apesar da desaceleração vista em novembro, eles reforçaram a tese de que o Banco Central vai manter o ritmo de alta dos juros, aumentando a taxa básica da economia em mais 1,50 ponto percentual, em fevereiro, como foi sinalizado no comunicado do Comitê de Política Monetária (Copom) da última quarta-feira, quando a taxa básica passou de 7,75% para 9,25% ao ano.

Há um consenso em formação de que a taxa básica deve chegar a, pelo menos, 11,75%, no início de 2022, de acordo com Fábio Romão, economista sênior da LCA Consultores. Segundo ele, a inflação continuará em dois dígitos, pelo menos, até abril, por conta da bandeira tarifária da energia elétrica, que está no patamar mais elevado e só deverá ser revista a partir de maio.

Para o analista, um dos motivos da desaceleração do IPCA, além dos descontos da Black Friday, é o começo do impacto do ciclo de alta da Selic, iniciado em março. "Há uma defasagem de seis a nove meses dos reflexos do aperto monetário na atividade. Mas uma inflação de 10,74% é elevada. Ela corrói o poder de compra das famílias e afeta o consumo", destacou.

Indexação

Romão lembrou que, como a economia está muito indexada, a inércia não deixará o IPCA ficar abaixo da meta em 2022, que é de 5%. Pelas estimativas da LCA, mesmo se a Selic chegar a 11,75% ao ano, em março, e se mantiver nesse patamar até dezembro, a inflação deverá encerrar 2022 com alta de 5,5%.

O economista André Braz, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre), também prevê que o IPCA encerrará 2022 acima da meta, com alta de 5,2%. "A inflação continuará bastante disseminada na economia. O índice de difusão, apesar da queda em novembro, ainda é elevado, de 63%, e tem uma tendência de alta pela média móvel em três meses. E os núcleos de inflação também continuam acelerando, porque os reajustes estão ocorrendo mais rapidamente em diversos setores, porque a economia é muito indexada", explicou Braz. Ele também lembrou que, no início de 2022, vários reajustes estão sendo esperados, como as mensalidades escolares e as tarifas de ônibus urbanos. "Vai ser difícil para a inflação desacelerar para dentro da meta. O único alento é que o volume de chuvas parece animador, e o preço da energia poderá cair a partir de maio, quando deve haver mudança na bandeira tarifária", afirmou.

De acordo com Braz, outro alento para o custo de vida é que a nova variante da covid-19, a ômicron, deve ajudar a desacelerat o IPCA de dezembro para 0,65%. "O petróleo já está caindo no mercado externo com a redução da circulação das pessoas na Europa, e isso poderá ajudar a evitar um novo reajuste da gasolina neste mês", afirmou.

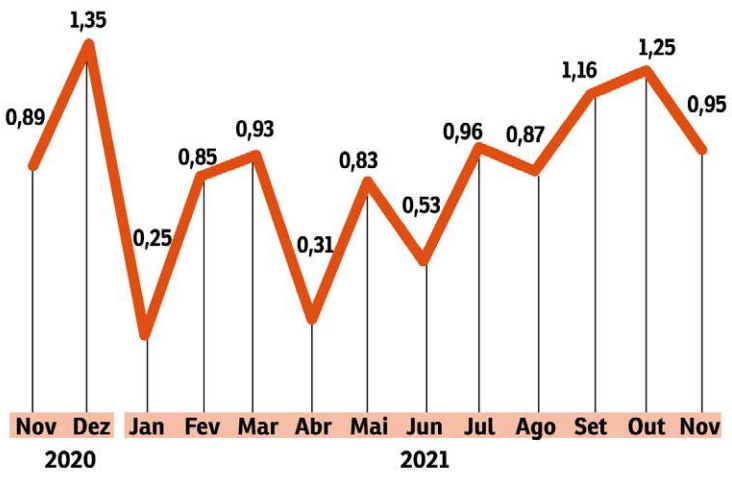
Na contramão, os grupos de Alimentação e bebidas e de Saúde e cuidados pessoais registraram deflação de 0,04% e 0,57%, respectivamente. Um dos itens com destaque entre as quedas foi a carne, com deflação de 1,38%, em grande parte, devido ao embargo chinês que aumentou a oferta do produto no mercado interno, lembrou Romão. As passagens aéreas, com queda de 6,12%, após alta de 33,86% em outubro, não devem subir muito em dezembro, pelas estimativas do economista, porque a demanda ainda não está tão aquecida.

> **A inflação continuará bastante disseminada na economia. O índice de difusão, apesar da queda em novembro, ainda é elevado, de 63%, e tem uma tendência de alta"**
>
> ***Andre Braz,***
> *pesquisador do Ibre/FGV*

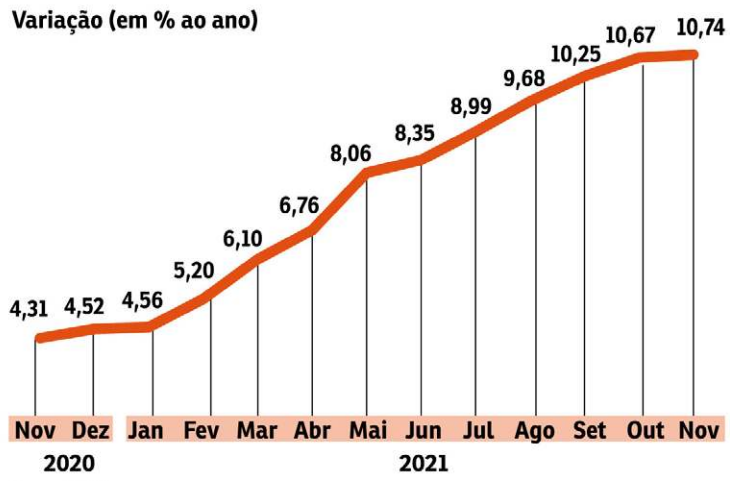
Dragão nervoso

Com a gasolina liderando a alta dos preços, o IPCA de novembro subiu 0,95%. Apesar da desaceleração em relação a outubro, indicador teve a maior variação para o mês desde 2015

EVOLUÇÃO IPCA MENSAL
Variação (em % ao mês)



EVOLUÇÃO DO IPCA
acumulado em 12 meses
Variação (em % ao ano)



Fonte: IBGE

PRINCIPAIS DESTAQUES

Maiores altas (em %)

Item	Novembro	Em 12 meses
Etanol	10,53	69,40
Óleo diesel	7,48	49,56
Gasolina	7,38	50,78
Transporte por aplicativo	6,77	35,49
Automóvel usado	2,38	15,99
Automóvel novo	2,36	14,24
Gás de botijão	2,12	38,88
Energia elétrica residencial	1,24	31,87
Cebola	16,34	-2,72
Café moído	6,87	41,52

Maiores quedas

Item	Novembro	Em 12 meses
Perfume	-10,66	-6,75
Passagem aérea	-6,12	36,53
Computador pessoal	-1,65	-0,70
Leite longa vida	-4,83	0,69
Arroz	-1,42	-12,13
Lanche	-3,37	6,13
Carnes	-1,38	10,81

10,96%
variação do INPC, que mede a inflação dos mais pobres, no acumulado em 12 meses até novembro

63%
disseminação da inflação entre os produtos pesquisados pelo IBGE, redução em relação aos 67% de outubro

INPC

A inflação das famílias com renda mensal de até cinco salários mínimos, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), avançou 0,84% em novembro, acumulando alta de 10,96% em 12 meses. O indicador, usado no reajuste do salário mínimo e das aposentadorias do INSS, apresentou leve desaceleração em relação a outubro, quando a variação mensal foi de 1,16% e a alta acumulada em 12 meses atingiu 11,08%.

Para 70%, situação é ruim ou péssima

» FERNANDA STRICKLAND

Sete em cada 10 brasileiros consideram que a economia do Brasil está péssima ou ruim. É o que diz pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) por meio do Instituto FSB. O levantamento mostra que, para 80% dos entrevistados, essa é uma das piores crises econômicas que o país já enfrentou. Apenas 22% da população acredita que, em comparação com os últimos seis meses, a economia melhorou; para 56%, ela piorou.

A pesquisa concluiu que a visão dos brasileiros está divida. "34% estão otimistas e acreditam que a situação vai melhorar um pouco (27%) ou muito (7%); 27% acham que ela vai permanecer estável e 32% estão pessimistas. Para estes últimos, a economia ainda vai piorar muito (17%) ou um pouco (15%)", mostrou.

Para agravar a situação, 64% dos entrevistados afirmam que a economia brasileira ainda não começou a se recuperar da crise econômica causada pela pandemia e 52% acreditam que essa recuperação vai levar mais de um ano para ocorrer ou não vai acontecer. A professora Evelyn Dias, 35 anos, afirmou que em sua opinião a economia está ruim. "Eu sinto no dia a dia quando vou ao mercado, ao posto de gasolina que está tudo caro, meu poder de compra diminuiu. O consumo é menor, porém o gasto está bem mais elevado", afirmou.

"Na minha opinião, isso está sendo causado devido à péssima gestão do governo federal e a inflação descontrolada. Acredito que para melhorar a economia do Brasil, é necessário a mudança do governo", completou.

O economista da FGV, André Braz, observa que, de fato, a inflação alta cria um obstáculo a mais para as famílias. "Porque ela está diminuindo o valor do orçamento no tempo. Se a inflação hoje é de 10%, uma família que tinha renda de R$ 5 mil, em novembro de 2020, pode receber o mesmo valor, mas só vai conseguir comprar R$ 4.500, porque R$ 500 a inflação 'comeu'. Os produtos estão cada vez mais caros, e isso aumenta a insegurança familiar", explica.

Inovação

Para o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, o cenário econômico internacional mostra que os países que conseguiram enfrentar melhor a crise econômica gerada pela pandemia foram aqueles que contam com uma indústria forte. "A solução para reverter a situação em que o Brasil se encontra passa necessariamente pelo investimento em inovação e pela aprovação de reformas estruturantes que melhorem o ambiente de negócios no país. Esse é o caminho para gerar emprego e renda."

A pesquisa mostra que para 73% da população a inflação aumentou muito (51%) ou um pouco (22%) nos últimos seis meses, e que três em cada quatro brasileiros (75%) dizem que sua situação financeira foi afetada pelo aumento dos preços. A maioria dos entrevistados acredita que a situação ainda deve piorar nos próximos seis meses. De acordo com 29% dos brasileiros, a inflação ainda deve aumentar muito e, para 25%, ela ainda vai subir um pouco.